CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
26 de Outubro de 2022
O VENTO NO CINEMA – FAZER VER O INVISÍVEL

WHEN THE WIND BLOWS / 1986
Quando o Vento Sopra

Um filme de Jimmy Murakami

Argumento: Raymond Briggs, a partir do seu romance / *Música:* Roger Waters; as canções "When the Wind Blows", por David Bowie (David Bowie e Erdal Kizilcay); "Towers of Faith" e "Folded Flags (Roger Waters), por The Bleeding Heart Band; "The Brazilian", pelos Genesis; "The Shuffle", de e por Paul Hardclastle; "What Have They Done" (Glenn Tilbrook, Pete Hammind), pelos Squeeze; "Facts and Figures", de e por Hugh Cornwell / *Direção artística:* Errol Bryant, Richard Fawdry / *Storyboard:* Joan Ashworth, Richard Fawdry, Jimmy Murakami / *Montagem*: John Cary, Taylor Grant, Dave King / *Som*: John Blunt (dobragem), John Griffith (montagem) / *Vozes*: Peggy Aschroft *(Hilda)*, John Mills *(John)*, Robin Houston *(locutor da rádio)*.
Produção: Meltdown Productions, British Screen, Film Four, TVC London, Penguin Books / *Cópia*: da Cinemateca Portuguesa, versão original com legendas em português / *Duração*: 84 minutos / *Estreia mundial*: Grã-Bretanha, 24 de Outubro de 1986 / *Estreia em Portugal*: Porto (Festival Fantasporto), Fevereiro de 1987; distribuição comercial: Lisboa (cinema Quarteto), 15 de Julho de 1988 / *Primeira apresentação na Cinemateca:* 12 de Outubro de 2015, no âmbito do ciclo "Abi Feijó, Realizador Convidado".

****

Les vieux ne meurent pas,
Ils s'endorment un jour
Pendant trop longtemps.
Ils se tiennent par la main
Ils ont peur de se perdre
Et se perdent pourtant.
Jacques Brel,
"Les Vieux"

Nos meses que seguiram à invasão do Afeganistão pela União Soviética (Dezembro de 1979), um vento de pânico varreu uma pequena fração da opinião pública europeia. Temeu-se uma guerra nuclear e os pacifistas e Verdes alemães lançaram o slogan *"melhor vermelho que morto"*. Alguns espertalhões decidiram se aproveitar desta situação, pois não é muito difícil tirar proveito do medo alheio. Puseram no mercado supostos kits de abrigos anti-nucleares, que não passavam de reles caves de betão e publicaram anúncios em revistas semanais com as características da invenção e o seu custo (30 mil francos suíços da época, salvo erro) e até uns toscos desenhos a preto e branco. É claro que nem se lembraram de dizer às pessoas (aquelas que tinham se esquecido de pedir ao diabo que as carregasse e que, por conseguinte, levaram a ameaça e a proposta a sério) como é que iriam sobreviver depois da explosão nuclear, nem onde é poderiam fazer eventuais reclamações. Houve quem caísse na esparrela e os autores da golpada puderam merecidamente *laugh all the way to the bank*, segundo a magnífica expressão americana. E ninguém se lembrou de fazer uma comédia a respeito…

Este episódio foi aproveitado por Raymond Briggs como ponto de partida para um livro publicado em 1982, mais exatamente um *romance gráfico*, híbrido de banda desenhada e romance, por conseguinte uma peça quase automaticamente transponível para o cinema (também houve uma adaptação para a rádio). E assim foi

feito, sem perda de tempo: quatro anos se passaram entre a publicação do livro e a distribuição do filme de Jimmy Muramaki, o que é pouco tempo em termos de produção e realização de uma longa-metragem de animação, precedida pela negociação sobre os direitos do livro. Foi uma produção de prestígio, a julgarmos pelos nomes que desfilam no genérico. A música é de Roger Waters e nos dois genéricos ouve-se **When the Wind Blows**, de David Bowie, cuja letra alude a um último adeus antes do fim: *"So long child, I'm on my way / And after all is done, after all is done / Don't be down, it's all in the past / Though you may be afraid"*. As vozes dos personagens são as de Peggy Aschcroft e John Mills, que nos anos 80 eram uma adorada dupla de avozinhos do cinema inglês.

Tudo é extremamente calculado na feitura do filme: apenas dois personagens e uma narrativa dividida, de maneira clássica, em três partes: antes, durante e depois da explosão nuclear, cada qual com aproximadamente a mesma duração. Há ainda um outro elemento, que só pode ter sido deliberado e é indiscutivelmente um ponto fraco no filme: um tom uniforme, calmo e polido como o do casal de idosos, que engendra um ritmo monocórdico. Uma longa-metragem de animação é um filme narrativo, exatamente como um filme com atores e tem de seguir certas regras da narração cinematográfica sob pena de engendrar a monotonia. Em **When the Wind Blows** não há mudanças de tom, *crescendos* nem pontos culminantes, apesar de haver uma explosão nuclear e o fim do mundo. No artigo que dedicou ao filme no *Monthly Film Bullettin*, Kim Newman é da opinião de que o fato de antes de ter sido adaptado ao cinema a história ter sido adaptada para o rádio pelo seu autor *"parece ter tido uma influência infeliz sobre o filme, que é um desenho animado algemado às conversas ininterruptas entre os seus personagens"*, indo ao ponto de dizer que a presença vocal de Peggy Ashcroft e John Mills *"é tão intensa que a criação de personagens visuais para eles parece redundante"*, o que mais do que exagerado é absurdo. Dito isso, não é nada impossível que, *on his way to the bank*, Raymond Briggs tenha reciclado diretamente para o cinema o argumento que escrevera para a rádio. O argumento apoia-se no contraste entre a pacata vida de um casal de velhos e o apocalipse nuclear, mas o resultado não encontra o seu equilíbrio. O retrato de um casal de velhos, com a sua fragilidade e a sua desfasagem em relação ao mundo que o cerca é muito conseguido, sobretudo no terço final, em que eles mergulham pouco a pouco na morte. Produz no espectador um efeito semelhante ao que produziria um filme com atores. Mais do que um filme sobre os riscos da destruição do planeta, **When the Wind Blows** acaba por ser um filme sobre a relação de um casal de velhos.

Do ponto de vista visual, o filme nada tem de redundante, contrariamente ao que afirmou o *Monthly Film Bulletin*. **When the Wind Blows** é um daqueles filmes de animação "realistas", em que os personagens e os cenários e adereços (se é que estes termos são válidos no cinema de animação) se parecem tanto quanto possível aos da realidade. Esta opção sempre instila algum humor num filme de animação, pois os "cenários" são constatações afetuosamente irónicas da banalidade da nossa própria vida quotidiana. No caso deste filme, os pormenores de uma casa inglesa típica (cada parede de uma cor, poltronas *club*, a chaleira elétrica) sobre o fundo de uma paisagem não menos típica, podem prender mais a atenção do espectador do que o drama terrível que se desenrola. A tal ponto que a poderosa figuração da explosão nuclear deixa uma impressão menos nítida na memória do espectador do que a relação do casal.

Antonio Rodrigues